

## **As explicações da psicologia evolutiva**

Javier Vernal

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A psicologia evolutiva ou psicologia evolucionista tem por objetivo explicar o comportamento humano a partir de uma perspectiva evolutiva e descobrir os módulos mentais que constituem a natureza humana universal. Segundo a psicologia evolutiva, os problemas adaptativos que o cérebro humano evoluiu para resolver são aqueles do ambiente ancestral no qual evoluiu. Porém, a psicologia humana está em constante evolução, portanto é um erro acreditar que nossas mentes estão adaptadas exclusivamente aos problemas enfrentados pelos nossos ancestrais no ambiente de adaptação evolutiva.

**Palavras-Chave:** Psicologia Evolutiva. Natureza Humana Universal. Ambiente de Adaptação Evolutiva.

**Abstract:** Evolutionary psychology aims to explain human behavior from an evolutionary perspective and to find out the mental modules that constitute the universal human nature. According to evolutionary psychology, the adaptive problems that the human brain evolved to solve are those of the past environment in which it evolved. However, human psychology is in constant evolution, therefore it is a mistake to believe that our minds are exclusively adapted to the problems faced by our ancestors in the environment of evolutionary adaptedness.

**Keywords:** Evolutionary Psychology. Universal Human Nature. Environment of Evolutionary Adaptedness.

### **Introdução**

A psicologia evolutiva surgiu nos anos 80 do século XX com o objetivo de procurar os mecanismos psicológicos evolutivos que seriam a base da mente e do comportamento universais dos humanos. Os psicólogos evolutivos propõem uma teoria geral sobre a maneira

em que a seleção natural equipou aos humanos para tomar decisões sobre assuntos essenciais para seu sucesso reprodutivo. Ainda que a psicologia evolutiva estude o comportamento e a psicologia humana desde uma perspectiva evolucionista, os pesquisadores envolvidos nessa disciplina procuraram desde o começo se diferenciar da sociobiologia humana, portanto evitando qualquer associação com Edward O. Wilson e tendo como ponto de partida os trabalhos de William Hamilton, Robert Trivers e George Williams.

Existem numerosos e diversos campos de pesquisa que abordam o comportamento humano desde uma perspectiva evolutiva, como a etologia humana, a ecologia comportamental humana e a antropologia evolucionista. Porém, o termo psicologia evolutiva vem sendo utilizado para designar as pesquisas que têm como objetivo descobrir os órgãos mentais que constituem nossa natureza humana universal e articular como esses órgãos mentais agem para resolver problemas específicos. Essa linha de pesquisa tem adquirido grande atenção tanto na mídia popular quanto na área acadêmica, já que promete revelar as explicações evolutivas que permitiriam responder porque desejamos nos relacionar sexualmente com algumas pessoas e não com outras, porque nos casamos com certas pessoas, porque somos infiéis, e porque nos preocupamos por nossos filhos, dentre outros comportamentos. Dentro do grupo de pesquisadores que aderem a essa perspectiva encontram-se os psicólogos David Buss, Leda Cosmides, Martin Daly, Steven Pinker e Margo Wilson, e os antropólogos Donald Symons e John Tooby.

Neste texto não pretendo criticar a hipótese da psicologia evolutiva sobre a existência de numerosos órgãos mentais geneticamente especializados que constituiriam a mente humana universal, nem é meu objetivo mostrar que a teoria da psicologia evolutiva sobre a natureza humana universal está errada e que a idéia de uma natureza humana é incompatível com um entendimento evolutivo genuíno de nossa espécie. Dirijo minha crítica ao conceito de ambiente de adaptação evolutiva (AAE) ao qual a psicologia evolutiva se acha intimamente ligada e o utiliza para fornecer suas explicações sobre as origens de certos comportamentos humanos.

### **Conceitos fundamentais da psicologia evolutiva**

Existem três conceitos fundamentais para a psicologia evolutiva. O primeiro é a mudança no foco da atenção nos estudos sobre o comportamento humano, desviando-se das adaptações comportamentais, que tinham sido o centro da atenção da sociobiologia e da ecologia comportamental, para se centrar nos mecanismos psicológicos evolutivos. A justificativa que os psicólogos evolutivos apresentam para a existência dos órgãos mentais que constituiriam uma natureza humana universal baseia-se na correlação que estes pesquisadores fazem entre adaptações anatômicas e psicológicas. Segundo eles, como a evolução criou por seleção natural adaptações anatômicas que são universais entre os humanos, também criou adaptações psicológicas universais (Tooby e Cosmides, 1992, p.38).

O segundo conceito fundamental é o de ambiente de adaptação evolutiva (AAE) ou ambiente ancestral, conceito que é utilizado pela psicologia evolutiva para localizar e identificar os problemas adaptativos enfrentados por nossos ancestrais. Aqueles seres passaram o Pleistoceno (período que abarca desde 1,8 milhões de anos até 10.000 anos atrás) vivendo em pequenos grupos de caçadores-recolectores, mas somente os últimos 10.000 anos vivendo como agricultores e os 200 anos mais recentes em sociedades industriais. O surgimento das grandes cidades permitiu que os humanos vivessem em grupos enormes, como nunca antes tinha acontecido. Os psicólogos evolutivos afirmam que as adaptações psicológicas humanas não podem ter acompanhado todas essas mudanças ambientais produzidas pela ação humana, já que poucas gerações (400 desde o fim do Pleistoceno) ocorreram nesse período de tempo. Segundo eles, 400 gerações é um período de tempo muito curto para que se originem novos e complexos mecanismos psicológicos adaptados aos ambientes modernos. Conseqüentemente, eles afirmam que nossas adaptações psicológicas devem ter surgido no Pleistoceno para resolver os problemas adaptativos que enfrentavam nossos ancestrais caçadores-recolectores e não aqueles problemas que surgem nos ambientes contemporâneos, portanto, haveria uma defasagem entre as características do cérebro

humano e o ambiente atual (Cosmides, Tooby e Barkow, 1992, p.5). Segundo Cosmides e Tooby (1997, p.85), “nossos crânios modernos albergam uma mente da Idade da Pedra”.

O terceiro conceito é o da existência de órgãos ou módulos mentais específicos para cada domínio, que representam as soluções evolutivas para problemas enfrentados por nossos ancestrais. Como os problemas adaptativos variavam constantemente, devem ter surgido adaptações psicológicas específicas para cada problema. Portanto, os psicólogos evolutivos afirmam que a mente humana deve consistir de órgãos mentais ou módulos geneticamente determinados, cada um dos quais estaria especializado em resolver um problema adaptativo específico, exatamente como o corpo humano está composto por diversos órgãos funcionalmente especializados. Esses órgãos mentais constituiriam a natureza humana universal.

Segundo os psicólogos evolutivos, devido a que nossos órgãos mentais evoluíram para resolver os problemas adaptativos enfrentados pelos nossos ancestrais no Pleistoceno, e como consequência de que o ambiente no qual vivemos na atualidade difere enormemente de aquele habitado por nossos ancestrais, é impossível estudar a evolução da mente humana estudando o comportamento e a cognição humana em nossos ambientes modernos. Portanto, a metodologia utilizada pela psicologia evolutiva para testar suas hipóteses é identificar os problemas adaptativos enfrentados pelos nossos ancestrais no AAE, inferir os mecanismos psicológicos que devem ter evoluído para resolver os mesmos e por último conduzir estudos que determinem se de fato os humanos possuem tais mecanismos psicológicos. Segundo Buller (2005, p.92), o principal problema da psicologia evolutiva situa-se nesse último passo, no processo de confirmação da existência dos mecanismos psicológicos inferidos. Geralmente falta evidência que mostre que os humanos de fato possuem esses mecanismos psicológicos.

No referente ao AAE, Buller alerta para o fato de que não sabemos quais foram os problemas que enfrentaram nossos ancestrais durante o Pleistoceno, e não podemos inferir do modo de vida de alguns grupos de caçadores-recolectores atuais os problemas que

enfrentaram nossos ancestrais (Buller, 2005, p.94). Nada garante que a vida social desses grupos remanescentes não tenha se modificado significativamente durante os últimos 10.000 anos. Por outro lado, existe uma variação considerável entre os grupos remanescentes, o que implica que não é óbvio qual deveria ser o grupo escolhido para fazer a pretendida inferência.

### **O ambiente de adaptação evolutiva (AAE)**

Existe uma grande facilidade com a qual podem se inventar todo tipo de histórias sobre nosso passado evolutivo. As hipóteses evolutivas que podem ser apresentadas para explicar cada traço de nosso comportamento em termos evolutivos só dependem da capacidade de imaginação do pesquisador envolvido no estudo. Pouco é o que se sabe sobre o modo de vida dos nossos ancestrais no Pleistoceno, nem sabemos a quantidade de espécies do gênero *Homo*, portanto é muito difícil reconstruir as pressões seletivas as quais eles estavam sujeitos. O conceito de AAE gerou um grande conjunto de histórias evolutivas especulativas que permitiram que vários comportamentos humanos atuais pudessem ser considerados como uma adaptação a esse ambiente ancestral e, portanto, explicados nesse contexto.

A noção estereotipada do AAE implica que o ambiente habitado pelos caçadores-recolectores do Pleistoceno apresentava pouca variabilidade no tempo e no espaço, o qual é considerado falso por muitos pesquisadores, já que nossos ancestrais além de habitar as savanas, também se encontravam nos desertos, perto dos rios, em locais costeiros, nas florestas e no Ártico (Laland e Brown, 2002, p.178). Alguns pesquisadores das áreas da arqueologia e da antropologia acreditam que o *Homo erectus* e os Neandertais tinham hábitos totalmente diferentes aos dos caçadores-recolectores modernos (Laland e Brown, 2002, p.178) e, portanto, não podem ser inferidos a partir desses últimos, comportamentos característicos do Pleistoceno. Mais ainda, os grupos de caçadores-recolectores que podem ser achados na atualidade também diferem nos seus modos de vida, então não haveria uma única maneira de viver da qual partir para fazer a inferência. Por outro lado, a análise comparativa das habilidades animais sugere que muitos comportamentos animais e traços

psicológicos são compartilhados por humanos e animais não humanos (Vernal, 2011). Esse fato implica que deveria ser identificado o mais antigo ancestral que apresentasse o comportamento a ser estudado, o ambiente aonde esse traço surgiu e todos os ambientes posteriores até a atualidade. Evidentemente essa seria uma tarefa muito difícil de ser realizada que somente geraria conclusões especulativas, pois se formos nos comparar com outras espécies de primatas, novamente surgiria o problema da escolha da espécie, devido a que elas também diferem nos seus modos de vida.

O conceito de AAE também implica que os humanos estão exclusivamente adaptados ao Pleistoceno. Porém, resulta obvio que também estamos adaptados a vida moderna, senão seria impossível nossa existência. Por outro lado, é no Holoceno (período que se iniciou há 11.000 anos e se estende até o presente) que teve lugar o grande aumento da população humana e a colonização de toda a Terra.

Segundo Laland e Brown (2002, p.181), “é questionável a suposição de que a seleção natural nos humanos tenha parado”. Existem casos evidentes de evolução adaptativa de características fisiológicas e morfológicas após o Pleistoceno. Laland, Odling-Smee e Feldman (2000, p.132) afirmam que a persistente domesticação do gado e as atividades associadas aos produtos lácteos modificaram os ambientes seletivos de algumas populações humanas por suficientes gerações como para selecionar genes que hoje conferem aos humanos adultos uma maior tolerância à lactose. Conseqüentemente, não haveria razão para pensar que tal evolução após o Pleistoceno só ocorreu em traços fisiológicos e morfológicos. De fato, a hipótese da psicologia evolutiva é a de que a seleção modelou tanto a mente quanto o corpo humano. Portanto, qualquer evidência de evolução após o Pleistoceno nas características fisiológicas e morfológicas deveria levar a pensar que também houve evolução nas características psicológicas.

Também é enganoso o conceito de AAE, porque descreve aos humanos como “vítimas passivas da seleção no lugar de potentes construtores dos seus nichos” (Laland e Brown,

2002, p. 181). A teoria da construção de nichos estabelece uma relação de mão dupla entre os organismos e o ambiente. Os organismos devem lidar com as mudanças que eles mesmos produzem ao ambiente. No caso dos humanos, nossas capacidades de aprendizagem e culturais nos permitem sobreviver e nos desenvolver em uma ampla gama de ambientes. Segundo Laland e Brown (2002, p. 182), essa capacidade adaptativa sugere que mais que estarmos adaptados a um determinado ambiente, estamos adaptados a uma variedade de ambientes construídos por nós e por nossos ancestrais, que incluem não somente o ambiente físico, mas também o ambiente social humano.

Provavelmente, a única virtude do conceito de AAE esteja na possibilidade de reconhecer que os humanos, como todas as outras espécies, apresentam características que seriam adaptações a ambientes passados que não são de utilidade nos modos de vida contemporâneos.

### **Psicologia evolutiva aplicada**

Segundo os psicólogos evolutivos, nos homens teriam evoluído preferências para se relacionar sexualmente com mulheres jovens, enquanto que nas mulheres teriam evoluído preferências por homens com bom status. Não somente teriam evoluído essas classes de preferências, como também os modos de detecção dos indivíduos pertencentes a esses grupos. Esses pesquisadores afirmam ter evidências empíricas avassaladoras que confirmam essas hipóteses.

Os psicólogos evolutivos descrevem a situação da mulher durante a história evolutiva. Tendo ela que amamentar seu filho era incapaz de realizar outras tarefas necessárias para sua sobrevivência e a da criança. Segundo eles, na mulher teriam evoluído mecanismos para identificar e preferir homens com bom status que fossem capazes de fornecer recursos tanto a ela quanto a seu filho. A extraordinária dependência de cuidado parental da criança humana teria exercido uma forte pressão para o surgimento nas mulheres de preferências e formas de identificação de homens com bom status que fornecessem investimento parental elevado. No

caso dos homens, suas preferências teriam evoluído para escolher mulheres com máximo potencial reprodutivo.

Como consequência do alto investimento parental fornecido pelos homens durante a história evolutiva, neles também teriam evoluído mecanismos para selecionar as mulheres com as quais terem filhos. Portanto, devido ao fato de que ambos os sexos proviam diferentes formas de investimento parental durante a história evolutiva humana, os psicólogos evolutivos afirmam que em cada sexo evoluíram mecanismos que levassem a preferir como parceiros aqueles membros do outro sexo que mostrassem características de serem capazes de prover as formas de investimento parental próprias de cada sexo especializadas durante a história evolutiva humana (Kenrick e Keefe, 1992, p.78).

Assim, as mulheres teriam evoluído preferências por homens com bom status capazes de controlar recursos em diversas situações (Ellis, 1992, p.268), enquanto que os homens dariam preferência a mulheres que apresentassem características associadas a um alto valor reprodutivo ou fertilidade, como pele clara e macia, cabelo brilhante, bom tom muscular e determinada distribuição corporal da gordura (Buss, 1999, p.139).

Portanto, de acordo com Buss (1994, p.51), a evidência mostra que universalmente, isto é, em todos os continentes, em todos os sistemas políticos, em todos os grupos raciais e em todas as religiões, os homens preferem mulheres jovens como esposas e as mulheres procuram recursos financeiros no parceiro. Segundo os psicólogos evolutivos, essas preferências são adaptações.

Porém, Buller (2005, p.208) distingue duas hipóteses nesse tipo de afirmação. A primeira é sobre o quê as pessoas preferem e a segunda é sobre porque o preferem. O porquê poderia ser respondido na base de que esses comportamentos são adaptações, é isso o que afirmam os psicólogos evolutivos. Mas responder o porquê, como aponta Buller (2005, p.209), significa aceitar que os psicólogos evolutivos têm boas evidências sobre o quê preferem as pessoas, e sobre todo tipo de comportamentos em geral, e que essas evidências



corroborariam, por exemplo, que os homens preferem mulheres jovens e as mulheres preferem homens com bom status.

Através de uma análise exaustiva das evidências apresentadas, Buller demonstra como as preferências na escolha de um parceiro variam com a idade e com a classe social (Buller, 2005, p.224). Tanto as preferências dos homens quanto das mulheres se mostram muito mais complexas do que os psicólogos evolutivos afirmam. As evidências apresentadas pelos psicólogos evolutivos não mostram que os homens procuram sempre mulheres jovens como esposas em todas as etapas da vida nem que as mulheres preferem homens com bom status. Segundo Buller (2005, p.250), a correlação entre sexo e status que ocorreria nos primatas levou a pensar que as mulheres teriam as mesmas preferências que os primatas não humanos. Porém, essa correlação nos primatas também está sendo contestada. Provavelmente o que verdadeiramente ocorre é que primatas com maior status teriam maior habilidade para controlar sexualmente as fêmeas que estivessem no período fértil, e não uma maior preferência das fêmeas por machos com maior status (Buller, 2005, p.251).

### **Conclusões**

O retrato dos humanos que oferece a psicologia evolutiva não consegue fornecer um entendimento claro da psicologia humana desde o ponto de vista evolutivo. A psicologia humana está em constante evolução, portanto é um erro acreditar que nossas mentes estão adaptadas aos problemas enfrentados pelos nossos ancestrais no AAE. Os psicólogos evolutivos apresentam os dados estatísticos a partir dos quais constroem suas conclusões como sendo fatos observados em populações inteiras, e não como o que realmente são, isto é, fatos observados em pequenas amostras pouco representativas. Conseqüentemente, não existe evidência convincente para hipotetizar comportamentos humanos universais.

A psicologia evolutiva acredita que a totalidade dos universais psicológicos humanos reflete uma seleção natural concluída, no lugar de em andamento (Tooby e Cosmides, 1990, p.380). Porém, a seleção natural continua a modificar tanto as características quanto a

frequência dessas características nas populações humanas. Tem havido uma significativa evolução adaptativa nas características fisiológicas e morfológicas humanas nos últimos milhares de anos, e existem boas evidências de que as mudanças ambientais em andamento continuam a guiar a evolução adaptativa naquelas características. Devido a que a evolução do comportamento humano é orientada em grande parte pela vida social humana, as mudanças profundas na vida social humana nos últimos milhares de anos também estariam orientando a evolução nas características psicológicas humanas que continua em andamento. Resumindo, as populações humanas têm estado evoluindo desde o AAE e continuam a evoluir, portanto os humanos atuais não representam o produto final da evolução humana, mas o estado presente do processo evolutivo.

### **Referências**

BULLER, David J. (2005). *Adapting minds. Evolutionary psychology and the persistent quest for human nature*. Cambridge: MIT Press.

BUSS, David M. (1994). *The evolution of desire: strategies of human mating*. New York: Basic Books.

BUSS, David M. (1999). *Evolutionary psychology: the new science of the mind*. Boston: Allyn and Bacon.

COSMIDES, Leda; TOOBY, John; BARKOW, Jerome H. (1992). *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture*. New York: Oxford University Press.

COSMIDES, Leda; TOOBY, John; BARKOW, Jerome H. (1997). "The modular nature of human intelligence". In SCHEIBEL, A.B. and SCHOPF, J.W. (eds.), *The origin and evolution of intelligence* (pp.71-101). Sudbury, MA: Jones and Bartlett.

KENRICK, Douglas T.; KEEFE, Richard C. (1992). "Age preferences in mates reflect sex differences in reproductive strategies". *Behavioral and Brain Sciences* 15: pp.75-133.

LALAND, Kevin N.; ODLING-SMEE, John; FELDMAN, Marcus F. (2000). "Niche construction, biological evolution and cultural change". *Behavioral and Brain Sciences* 23: pp.131-175.

LALAND, Kevin N.; BROWN, Gillian R. (2002). *Sense and nonsense: evolutionary perspectives on human behaviour*. New York: Oxford University Press.

TOOBY, John; COSMIDES, Leda (1990). "The past explains the present: emotional adaptations and the structure of ancestral environments". *Ethology and Sociobiology* 11: pp.375-424.

TOOBY, John; COSMIDES, Leda (1992). "The psychological foundations of culture". In BARKOW, J.H.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. (eds.), *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture* (pp.19-136). New York: Oxford University Press.

VERNAL, Javier (2011). "Continuidades animais. argumentos contra a dicotomia humano/animal não humano". *Interthesis* (no prelo).